

OS ATAQUES DAS CANOAS PARAGUAIAS AOS ENCOURAÇADOS FLUVIAIS BRASILEIROS

*A Marinha do Brasil na Guerra do Paraguai
não foi só Riachuelo*

LUIZ EDMUNDO BRÍGIDO BITTENCOURT
Vice-Almirante (Ref^o)

SUMÁRIO

Introdução
Antecedentes
Os preparativos paraguaios para as abordagens
O ataque das canoas do dia 2 de março
O ataque das canoas na noite de 9 para 10 de julho
Anexo: Curriculum vitae do CMG Joaquim Rodrigues da Costa

INTRODUÇÃO

Encouraçados contra canoas? O que há de heroísmo nestes embates?

Antes da leitura destes episódios, devemos lembrar que os ditos encouraçados brasileiros nada mais eram que pequenos navios fluviais protegidos por cinta de até 120 mm (4"7) e armados com um ou dois canhões de grosso calibre próprios para combater fortalezas. Podemos até considerá-los embarcações mais próximas a batelões, sem superestrutura, exceto pela(s) torre(s) de artilharia, pela chaminé, pelos mastros, por al-

guma tomada de ar de ventilação e, às vezes, por um passadiço rudimentar. Sua borda-livre era muito pequena (chegava a 30cm), permitindo que qualquer um, de uma simples canoa, pudesse pular facilmente para o seu "convés".

Cabe salientar que o número de atacantes, para cada navio, era muitas vezes maior que o dos defensores, e que a luta era, basicamente, de corpo a corpo e protegida pela escuridão da noite.

Dentre os maiores de nossos navios em operação no Rio Paraguai, o maior era o Encouraçado *Herval*, com 1.444 toneladas

de deslocamento e 65 metros de comprimento, seguindo-se o *Bahia*, o *Cabral*, o *Colombo*, o *Lima Barros*, o *Mariz e Barros* e o *Silvado*, com deslocamentos que variavam de 500 a 900 toneladas e comprimentos que não excediam 50 metros. Os monitores *Alagoas*, *Ceará*, *Pará*, *Piauí*, *Rio Grande* e *Santa Catarina* (todos iguais) deslocavam 350 toneladas e se estendiam por 40 metros.

Para termos de comparação, o atual Monitor *Parnaíba* desloca 620 toneladas e tem 60 metros de comprimento, sendo protegido por uma cinta de 76 mm (3 polegadas).

ANTECEDENTES*

Após o forçamento vitorioso de Humaitá, em 19 de fevereiro de 1868, por seis navios brasileiros – *Barroso* com *Rio Grande* a contrabordo, *Bahia* com *Alagoas* e *Tamandaré* com *Pará* –, Solano López tomou uma série de providências de caráter defensivo, mas uma apenas de caráter ofensivo: a captura de navios brasileiros, cujas tentativas se deram a 2 de março e na noite de 9 para 10 de julho de 1868 (sem contar com a tentativa do *Alagoas* durante o forçamento de Humaitá).

Em 15 de agosto de 1867, Inhaúma liderou o forçamento de dez encouraçados por Curupaiti, então uma poderosa fortaleza. Eram eles: *Bahia*, *Barroso*, *Brasil*, *Cabral*, *Colombo*, *Herval*, *Lima Barros*, *Mariz e Barros*, *Silvado* e *Tamandaré*. O bom senso técnico-militar de Inhaúma e de Caxias impediu que os navios continuassem e forçassem, em seguida, Humaitá. Por isso, permaneceram fundeados em um trecho do

rio de uma larga curva ao abrigo dos canhões das duas fortalezas. E assim permaneceram durante seis meses, tendo como única atividade pequenas movimentações para o bombardeamento de Humaitá.**

Em novembro de 1867, as tropas de Caxias chegaram a Taíí, conquistando-a e cortando, assim, a comunicação fluvial de Humaitá com Assunção. Assim também ficou garantido o abastecimento para a esquadra acima daquela fortaleza. Taíí fica na margem esquerda do Rio Paraguai, a cerca de 50 quilômetros acima de Humaitá.

Em 19 de fevereiro de 1868, três encouraçados e três monitores forçaram vitoriosamente a passagem por Humaitá.

Assim, a partir do final de fevereiro de 1868, a Marinha dispunha de três encouraçados e três monitores acima de Humaitá, e de sete encouraçados logo abaixo daquela fortaleza. Todos, uma séria ameaça para López.

OS PREPARATIVOS PARAGUAIOS PARA AS ABORDAGENS

A primeira idéia de López foi preparar um grupo de 200 homens, bons nadadores, e formar com eles quatro grupos iguais, cujos homens deveriam atirar-se ao rio armados com espadas e nadar, escondidos em camalotes*** até os encouraçados e abordá-los por surpresa. No ensaio, foi visto que os remansos do rio eram de difícil transposição, e o plano foi abandonado (Centurion)¹⁶.

A segunda idéia foi levar os nadadores seguros a pequenas jangadas unidas por meio de cordas, duas a duas, e que seriam levadas pela correnteza do rio até chegá-

* N.A.: Para mais detalhes ver artigo *Humaitá – 140 anos*, na *RMB* 4T/2007, págs. 10 a 13 e mapas e desenhos às págs. 10, 12 e 16.

** Ver mapa das páginas _____ e _____.

*** Camalotes – Porções de terra revestida de vegetação espessa e arbustos, alguns de certa altura, arrancados das margens pela cheia do rio, e que se reúnem formando verdadeiras ilhotas flutuantes (Raul Tavares – *RMB*, 1^a bim./1927, p. 670).

rem próximo aos seus objetivos. Cada jangada era feita com troncos de quatro palmeiras e tinha capacidade para 50 homens. No ensaio, também não foram aprovadas.

Finalmente, López voltou-se para uma solução mais convencional: canoas. Mandou aprestar oito* canoas para 25 homens cada, mais dez oficiais. Elas deveriam segurar presas duas a duas por meio de uma corda de couro de "20 jardas de comprimento" (Thompson)². Ao aproximarem-se de seu objetivo, o par deveria manobrar para que cada canoa chegasse ao navio por um dos bordos. Quando a corda ficasse presa na roda da proa do alvo, automaticamente a correnteza atracaria as canoas nos dois bordos do navio assaltado. "Todos os homens iriam sentados, levando nas mãos folhas ou ramos de camalotes, de maneira que cada grupo assim disfarçado se confundisse com as ilhas flutuantes destas plantas aquáticas que desciam o rio em profusão, ao sabor da corrente por ser época de cheia" (Centurion)¹⁶.

ATAQUE DAS CANOAS NO DIA 2 DE MARÇO**

Na noite de 1^a para 2 de março de 1868, os navios brasileiros surtos entre Humaitá e Curupaiti eram os seguintes: *Lima Barros* (com o chefe CMG **Joaquim Rodrigues da Costa** a bordo) e *Cabral* na vanguarda, em linha; na popa deste, o *Silvado* e o *Herval*; mais abaixo, na boca do Rio d'Oro, como repetidor de sinais, o *Mariz e Barros*; e, no Porto Elisiário, o *Brasil* (com Inhaúma a bordo) e o *Colombo*. Seus comandantes eram respectivamente: Capitão-de-Fragata Gracindo de Sá e Capitão-Tenente Alves Nogueira; CT Jerônimo Gon-

çalves e CT Helvécio Pimentel; CT Neto de Mendonça; e CT Salgado e CT Bernardino de Queiroz (Visconde de Ouro Preto).²⁵

Ali estavam eles havia mais de seis meses, afora a recente participação no apoio ao forçamento de Humaitá por três deles e três monitores, apenas bombardeando, com frequência, as posições inimigas. Estavam protegidos dos canhões de grosso calibre de Humaitá, mas não estavam sossegados. "Duas ou três peças colocadas nos bosques em frente aos encouraçados molestavam os brasileiros sempre que apareciam sobre a coberta" (Thompson)².

A uns 400 a 500 metros adiante dos navios de vanguarda (mais a montante), fazia o serviço de vigilância um escaler comandado pelo Guarda-Marinha José Roque da Silva; nessa noite, caberia o serviço ao escaler do *Lima Barros*. Pelas 2 horas, notou este guarda-marinha algo anormal com os camalotes que desciam o rio. Acercou-se deles e logo verificou serem canoas paraguaias, repletas de homens armados. Rumou célere para os navios da vanguarda e os avisou da aproximação do inimigo. "O *Herval* queimou três foguetes, dando o alarme" (Balthazar da Silveira)²⁸.

Passemos ao relato de Thompson²:

"As canoas eram 24 (agrupadas em quatro divisões – [Balthazar da Silveira]²⁸), e cada uma delas levava 12 homens armados, principalmente com sabres e levando granadas na mão e foguetes para lançá-los dentro dos encouraçados."

"A expedição era comandada pelo Capitão Yunez, ajudante de López."

"Várias canoas se desviaram por causa da forte correntada e, em vez de aproximarem-se dos encouraçados atacados, foram levadas águas abaixo e recolhidas pelos navios inimigos".

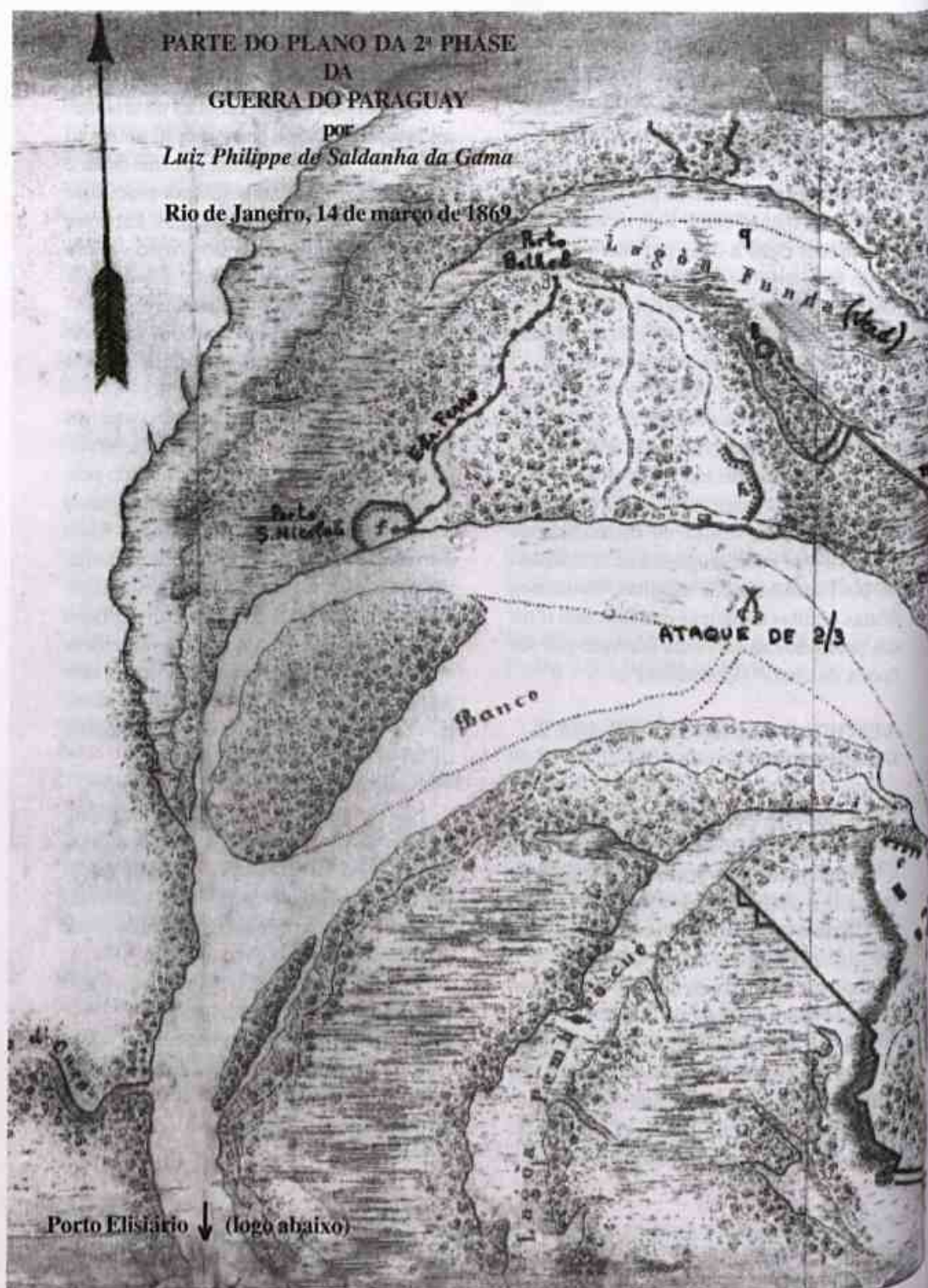
* No dia do ataque de 2 de março, participou um número muito maior de canoas. Segundo Raul Tavares, 48.

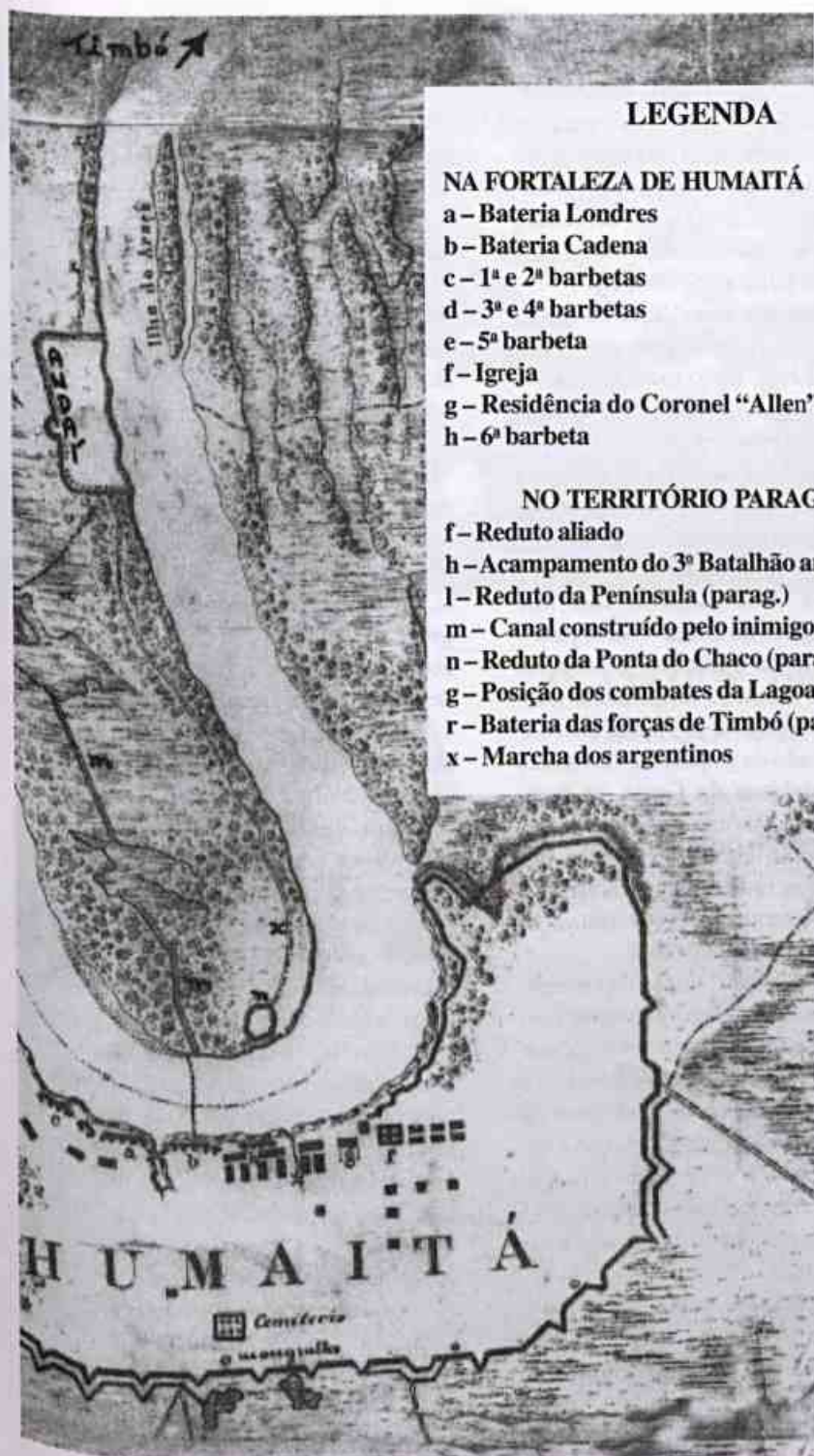
** Ver mapas às páginas _____, _____ e _____.

PARTE DO PLANO DA 2ª PHASE
DA
GUERRA DO PARAGUAY

por
Luiz Philippe de Saldanha da Gama

Rio de Janeiro, 14 de março de 1869





LEGENDA

NA FORTALEZA DE HUMAITÁ

- a – Bateria Londres
- b – Bateria Cadena
- c – 1ª e 2ª barbetas
- d – 3ª e 4ª barbetas
- e – 5ª barbete
- f – Igreja
- g – Residência do Coronel “Allen”
- h – 6ª barbete

NO TERRITÓRIO PARAGUAIO

- f – Reduto aliado
- h – Acampamento do 3º Batalhão argentino
- l – Reduto da Península (parag.)
- m – Canal construído pelo inimigo
- n – Reduto da Ponta do Chaco (paraguaio)
- g – Posição dos combates da Lagoa
- r – Bateria das forças de Timbó (paraguaios)
- x – Marcha dos argentinos

Ouro Preto nos informa: "... os inimigos ... não podem conservar a ordem prevista para o ataque; alguns grupos abalroaram entre si, outros desviaram-se, de forma que só 14 canoas se acercaram do *Lima Barros* e oito do *Cabral*. As demais, encaminhando-se para o *Silvado* e o *Herval*, descaíram com a correnteza, indo ter algumas ao Porto de Elisiário, junto ao *Colombo*...".

Com um "furor selvagem" (Raul Tavares)¹¹, os paraguaios voltam para o convés do *Lima Barros* e do *Cabral*. Estão todos nus, armados com "pistolas, machados, sabres e facões de abordagem" (Ouro Preto)²⁵.

"Os sentinelas e o pessoal que ali estava opõem-se como podem à fúria dos assaltantes. As guarnições procuram abrigo no interior dos navios. O comandante do navio – Garcindo de Sá – e o comandante da divisão – CMG **Rodrigues da Costa** – saem para o convés para orientar o combate. Desfecham os revólveres e batem-se valentemente a espada, procurando retirar-se para as torres".

"Transpassado de golpes, tomba o chefe **Joaquim Rodrigues da Costa**, os paraguaios o mutilam... ao expirar, encontra forças para transmitir, através da escotilha junto à qual caíra, a ordem de metralhar-se a tolda, que insistentemente reiterou, com voz cada vez mais desfalecida."

Balthazar da Silveira²⁸, no seu depoimento de testemunha ocular, descreve o evento com alguns outros detalhes: "O ato heróico desse rápido combate, na tolda do *Lima Barros*, é o que foi praticado pelo chefe **Rodrigues da Costa**. Agarrado pelos paraguaios, que o conheciam, foi arrastado até a escotilha da máquina e aí disse-lhe o chefe dos assaltantes que ordenasse a máquina seguir avante e sua vida seria garantida".

Rodrigues da Costa, com a mesma intrepidez e firmeza de voz que sabia conservar no meio dos maiores perigos, debruçou-se sobre a escotilha e gritou para baixo: "Façam fogo, venham soltar o prisioneiro". Ainda bem

não tinha pronunciado as últimas sílabas, já seu corpo estava em pedaços (Jaceguai)¹⁹.

"Mais feliz, o Comandante Garcindo consegue, graças a sua pequena estatura, penetrar pela portinhola de uma das torres, depois de desesperada defesa e gravemente ferido por tremendo talho que quase lhe decepa o ombro.

Já abrigada, a tripulação fuzila os assaltantes por entre os interstícios e aberturas das seteiras e escotilhas, ou despeja-lhes metralha, quando o permitem as oscilações da turbalha, obedecendo assim ao moribundo chefe.

São os inimigos dizimados, mas não desanimam; antes pelejam com furor redobrado. Não podendo penetrar nas torres, obstruídas as seteiras pelas bocas dos canhões, tentam, desordenada e loucamente, fendendo e lascando as rijas madeiras a golpe de machado, abrir caminho para a coberta, a praça-d'armas ou às máquinas, de onde a morte lhes é arremessada.

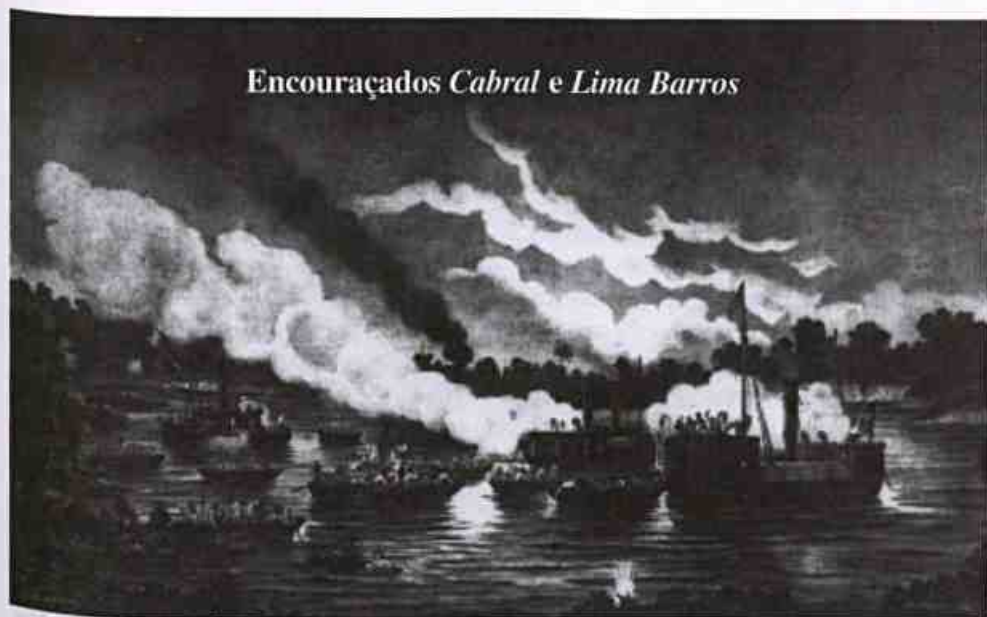
Medonhas cenas semelhantes reproduzem-se no *Cabral*, cujas oficialidade e guarnição combatem com igual valor" (Ouro Preto)²⁵.

Os paraguaios causaram, também, "alguns danos com suas granadas de mão e estavam a ponto de apoderar-se do *Cabral* porém, no momento em que conseguiam penetrar nele, apareceram os outros encouraçados e salvaram este navio varrendo o convés com sua metralha." (Thompson)²

O *Silvado* – navio de prontidão – mandou imediatamente um escaler levando a notícia para o chefe Inhaúma; levanta fogos e dirige-se para ficar entre os dois navios atacados. Como estava assentado, abre fogo de metralha contra os conveses de seus irmãos que estavam cheios de paraguaios. O *Herval* segue-o na tarefa. Ambos atacam as canoas que se lhes depa-ram, pondo-as a pique.

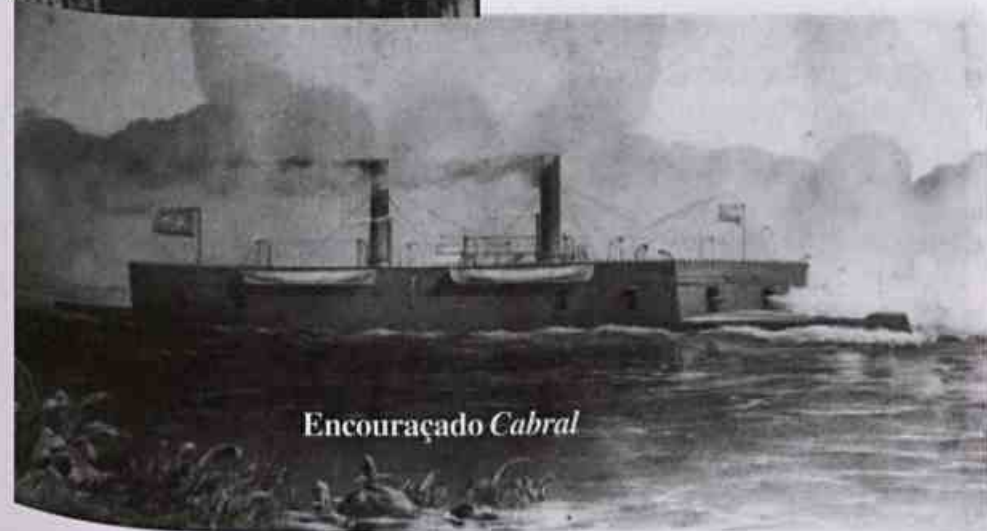
Mais uma vez o depoimento de Balthazar da Silveira²⁸ enriquece a descrição do contra-ataque: "Os comandantes do *Silvado* e do

Encouraçados Cabral e Lima Barros



**O ATAQUE DE 2 DE
MARÇO DE 1868**

Chefe Joaquim Rodrigues da Costa



Encouraçado Cabral

Herval, sem hesitação, os hostilizam (o *Lima Barros* e o *Cabral*) como se inimigos fossem, pelo que o *Lima Barros* só deveu às suas divisões estanques o não ter sido metido a pique. Agiram, incontestavelmente, os comandantes dos dois navios, metralhando de preferência as toldas dos dois outros, ocupadas pelo inimigo. Se assim não houvessem procedido naquela emergência, certamente os paraguaios acabariam por se apoderar do *Lima Barros* e do *Cabral*". (Jaceguai)⁹

Tão logo tomou conhecimento da luta, Inhaúma suspendeu com o *Brasil* em socorro, mandando que o *Mariz e Barros* o acompanhasse. Para finalizar a operação, determinou que o *Silvado* e o *Mariz e Barros* atracassem a contrabordo do *Cabral* e que o *Herval* e o *Brasil* o fizessem no *Lima Barros*.

O inimigo deixou 32 cadáveres no convés do *Cabral* e 78 no *Lima Barros*. Os brasileiros tiveram 16 mortos, 55 feridos e 15 aprisionados, dos quais três oficiais. Dentre os oficiais feridos gravemente, incluía-se o Capitão-Tenente Foster Vidal, que se tornaria nome importante na Marinha.

Segundo Thompson², "os paraguaios perderam mais de 200 homens, caindo sobre os conveses dos navios cerca de cem; os brasileiros tiveram 40 baixas. O Capitão Yunez perdeu um olho e muitos oficiais foram mortos".

O ATAQUE DAS CANOAS NA NOITE DE 9 PARA 10 DE JULHO

No dia 9 de julho de 1868, López, mais uma vez, tenta, por meio da abordagem, capturar navios brasileiros.

Nesses quatro meses que intermediaram as duas tentativas, aconteceram alguns

eventos importantes da guerra: López abandonou Humaitá com 12 mil homens em 3 de março; as tropas de Caxias penetram no Quadrilátero* em 21 de março, após a conquista de Rojas (Sauce), Espinillo e Ângulo; as tropas aliadas desembarcaram no Chaco em 2 de maio; e a luta no Chaco estava prestes a terminar. Nela, os navios acima de Humaitá muito colaboraram.

Nesse cenário de guerra, encontramos o Encouraçado *Barroso* e o Monitor *Rio Grande*, fundeados em frente ao acampamento da infantaria brasileira da posição, um pouco acima de Taíí – sua base – na área habitual, desta vez o *Barroso* quase a meio do rio e o *Rio Grande* pela alheta daquele, amarrado junto à mata da margem esquerda do Rio Paraguai.

Desde meados de junho, eram os navios disponíveis acima da fortaleza de Timbó.

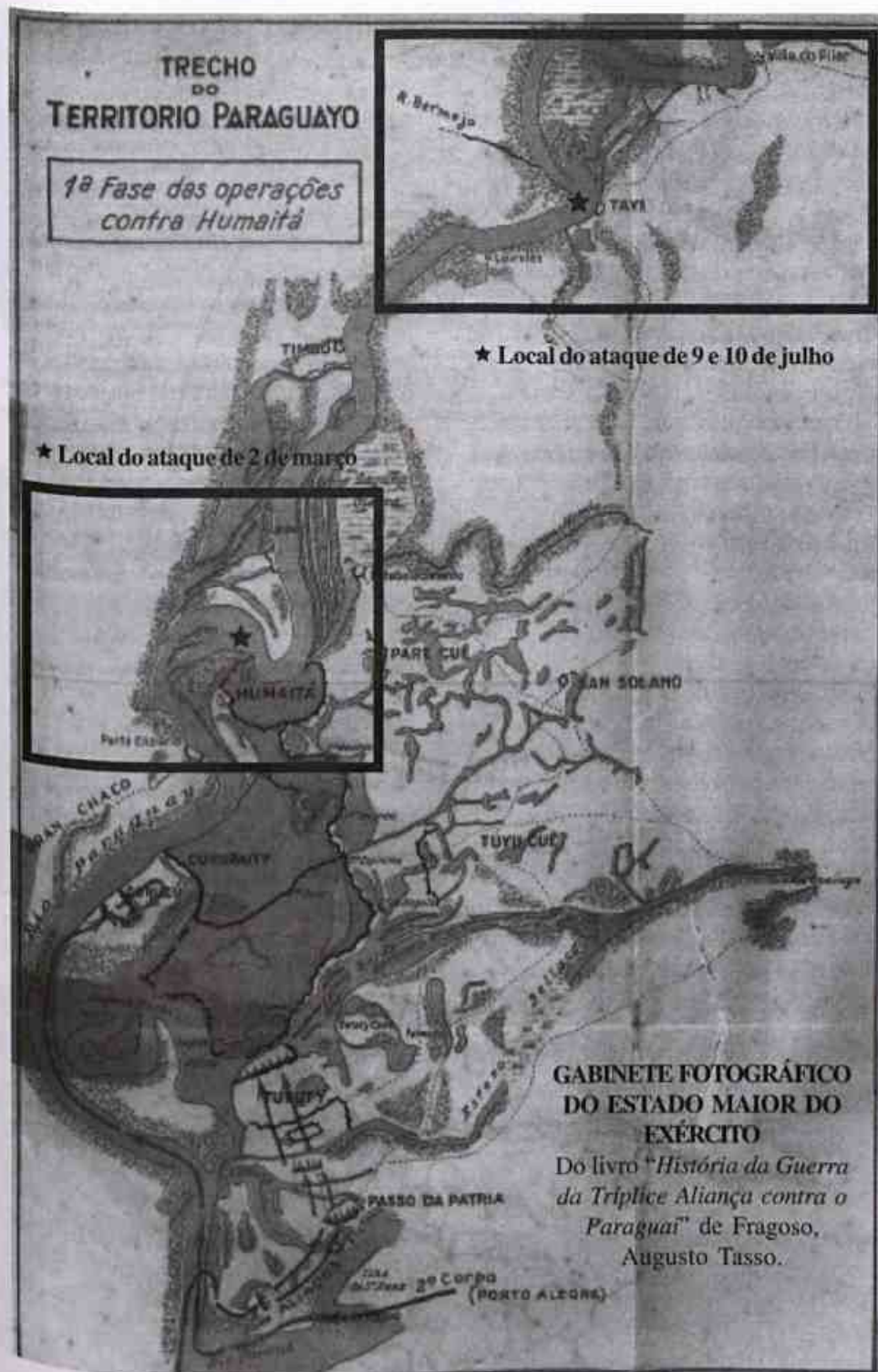
O Rio Paraguai, vindo do norte, chega à Vila do Pilar – ainda em mãos paraguaias –, onde faz uma curva pronunciada e apertada de cerca de 110° para a direita e, assim, percorre cerca de dez quilômetros, quando inicia um largo semicírculo para a esquerda, até chegar a Taíí, após cerca de 25 quilômetros, onde faz uma outra curva pronunciada de cerca de 135° para a direita e, na direção geral oeste, um estirão leva-o para Laureles. A sete quilômetros acima de Taíí, na margem direita do Rio Paraguai, deságua o Rio Berbejo (ou Vermelho).^{**}

Devemos estar lembrados que o *Barroso* e o *Rio Grande* formavam o par que liderou, com inteiro sucesso, o forçamento de Humaitá. Lá, como agora, comandavam-os, respectivamente, o Barão de Jaceguai^{***} e o Capitão-Tenente Antônio Joaquim.

* Quadrilátero – Área fortificada paraguaia em torno de Humaitá. Limita-se a oeste pelo Rio Paraguai; ao sul pelas trincheiras de Curupaiti, do Lago López, da Lagoa Chichi e do Lago Piriz; e a leste pelas de Sauce (Rojas), de Passo Ângulo, de Passo Espinillo, de Passo Tassymbu, de Passo Benitez e de Humaitá.

** Ver mapa à página ____.

*** Ver também o artigo "Barão de Jaceguai e a Escola Naval", na RMB 2T/2004, p. 214 a 216.



Jaceguai, como competente chefe e marinho, tomou todas as providências que cabiam no caso de terem de resistir a um assalto, tal como aconteceu em 2 de março e que iria sofrer dentro de pouco tempo: navio fechado, convés vazio, e planos para atirar de dentro do navio para o convés assaltado.

Do lado paraguaio, López, determinado como sempre, organiza uma expedição de 20 canoas, reunidas duas a duas e levando, cada uma, 12 homens e um oficial. No comando da operação, o Major Lino Cabriza, seu antigo ajudante de campo.

(Observação do autor: Tanto nesta como na anterior, comandavam as operações homens da mais alta confiança de López, demonstrando a importância que dava às empreitadas daquele tipo.)

De acordo com o planejamento, na tarde de 9 de julho de 1868, as canoas partiram do Rio Bermejo, onde ficaram escondidas durante algum tempo aguardando a oportunidade favorável. Desceram o Rio Paraguai dissimuladas em camalotes (como a época era de águas altas, um grande número de camalotes descia o rio), chegando às vizinhanças dos navios brasileiros pouco antes da meia-noite.

Os homens estavam armados com espadas, lanças curtas e pistolas e levavam, também, granadas de mão, tubos com material asfixiante e/ou incendiário e cabos para aboçarem as amarras. Dentre os homens, alguns conheciam o interior dos navios e suas máquinas.

“Um navio comandado por quem tem consciência da sua responsabilidade nunca pode ser surpreendido.” (Jaceguai)¹⁹

Interessante notar que no diário de Caxias¹⁵ consta que naquele dia, 9 de julho, um sargento prisioneiro declarou, entre ou-

tras coisas, que López tencionava assaltar os encouraçados surtos em Taí, para o que já tinha organizado a força adequada, e informou o nome do comandante da operação.

Parece que não houve tempo para alertar os navios.

O oficial de quarto do *Barroso* – Segundo-Tenente (Graduado) Alfredo de Araújo Neves – pressente o inimigo e dá o alarme.

Conheçamos algumas passagens da parte do próprio **Jaceguai**¹⁹: “Com o ruído das armas, corri a casamata e, ao chegar ali, ainda nenhum paraguaio havia saltado no convés do meu navio, que, entretanto, já estava cercado de canoas da casamata para vante”.

“(Na mesma ocasião, observei que, no

Monitor *Rio Grande*, nenhuma canoa havia atracado ainda.)”

“Rompi o fogo de fuzilaria das portinholas de vante da bateria e da parte superior da casamata, guarnecida esta por fuzileiros navais e pelos cabos ma-

rinheiros. Reservei [como planejado] as metralhas com que estavam carregadas as peças de vante para quando o inimigo ocupasse em massa o convés. [Quando as empregou] o efeito desses projéteis produziu um estrago considerável em um grande número de paraguaios, um verdadeiro extermínio.”

“Convencidos os paraguaios de que nada podiam conseguir avante da casamata, vieram com todas as canoas para ré, onde, do mesmo modo, foram repelidos pelo fogo das portinholas e da parte superior da casamata.”

“[Enquanto isso] a máquina funcionava para trás [o que fez com que virassem] quase todas as canoas que não se encheram d’água.”

Continuemos com **Jaceguai**.¹⁹

“Saí então para a tolda com o bravo [prático] Etchebarne e alguns oficiais e marinheiros, e acabamos de destroçar os últi-

Um navio comandado por quem tem consciência da sua responsabilidade nunca pode ser surpreendido.

Jaceguai



Monitor *Alagoas*, gêmeo do *Rio Grande*

O ATAQUE DE 9 PARA 10 DE JULHO DE 1868

O Barão de Jaceguay



Na Guerra do Paraguai



Como Comandante da
Esquadra de Evolução



Encouraçado *Barroso*

mos inimigos que se agarravam às canoas emborcadas... Alguns paraguaios, desprendendo-se do costado desse navio (*Barroso*) em uma chalana e na minha canoa, remaram para o monitor, que então já seguia avante, aproximando-se a este navio.”

“Foi nesse momento que se travou uma luta entre um grupo de talvez 15 paraguaios e o denodado comandante do *Rio Grande*, **CT Antônio Joaquim**. (O seu corpo apareceu boiando com um tiro na cabeça nas águas do porto de Taíf. Foi recolhido e recebeu sepultura digna, ali mesmo em Taíf.)

A coletânea da *Revista ABC*³ (paraguaia), além de confirmar o depoimento de Jaceguai, informa que o *Barroso* atirou metralha sobre o convés do *Rio Grande* (tal como aconteceu em 2 de março entre os navios atacados), “produzindo grande mortandade entre os paraguaios. Igualmente, foram destruídas as canoas em que vieram”. “Mais da metade dos paraguaios morreram (sic) em combate ou afogados; nadando, tentavam, com ferimentos graves, ganhar a costa”.

Jaceguai informa que no convés de seu navio jaziam 42 cadáveres paraguaios e que, entre os brasileiros, um oficial foi morto e um oficial e 11 praças ficaram feridos.

“As granadas de mão e as matérias asfixiantes e incendiárias, que o inimigo lançou pelas escotilhas, nenhum estrago causaram.”

Jaceguai termina o seu depoimento dedicando longo espaço para enaltecer o co-

mandante do *Rio Grande* – **Antônio Joaquim** – e o **Prático Etchebarne**.

Diz ele, entre outras coisas:

“A esquadra perdeu naquele dia dois homens de ação de grande valor, em gêneros diversos.”

“**Antônio Joaquim** era o marinheiro inteligente e arrojado que, tendo entrado jovem para o serviço, como simples grumete voluntário, na idade de 40 anos atingira, por seus serviços de mar e de guerra, o posto de capitão-tenente e o comando de um encouraçado.”

“**Etchebarne**, procedente de profissão modesta de prático de navegação de rios, tendo recebido da natureza o dom do guerrilheiro no elemento em que exercitava a sua profissão, ele era, na guerra dos rios, o que o General Flores (uruguaio) ou o General Andrade Neves foram no campo, guerrilheiro por instinto. Engajado ao serviço do Brasil desde a campanha contra Rosas... o Brasil era sua pátria, tanto mais adorada quanto ele a havia escolhido; basco de origem, seus serviços, desde que a nossa esquadra chegou a Passo da Pátria, foram inestimáveis... [devido aos elogios feitos por Tamandaré] nos primeiros anos da campanha. **Etchebarne** já havia sido galardoado com os postos de segundo e primeiro-tenente e o grau de cavaleiro da Ordem do Cruzeiro. Na passagem de Humaitá fora promovido a capitão-tenente e [ascendido na Ordem do Cruzeiro para] o grau de oficial.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<GUERRA DO PARAGUAI>; Jaceguay, Barão de; Rodrigues da Costa, Joaquim; Foster Vidal; Neves, Alfredo de Araujo; Etchebarne; Antonio Joaquim;

NOTA DO AUTOR: Este artigo baseia-se na magnífica obra *História da guerra entre a Triplíce Aliança e o Paraguai*, em cinco volumes com mais de 1.870 páginas, de autoria do General Augusto Tasso Fragoso, editada em 1924 pela Imprensa do Estado-Maior do Exército e inclui inúmeras outras informações contidas nas referências.

É também parte de um trabalho maior sobre as ações bélicas de toda a guerra, com o propósito de dar à massa da oficialidade uma versão geral fácil de ser lida, ressaltando a participação da Marinha naqueles longos anos de beligerância, com a esperança que os mais jovens se motivem para empreender novas pesquisas.

JOAQUIM RODRIGUES DA COSTA

Capitão de Mar-e-Guerra

(Curriculum Vitae)

– Nascimento: 4 de fevereiro de 1817.

– Filiação: Antônio Rodrigues da Costa e Maria Cândida da Conceição da Costa.

– Carreira: aspirante a 5/12/1836; guarda-marinha a 28/11/1838; segundo-tenente a 2/12/1839; primeiro-tenente (graduado) a 6/12/1839; primeiro-tenente a 23/6/1842; capitão-tenente a 2/12/1856; capitão-de-fragata (por merecimento) a 28/11/1863; capitão-de-mar-e-guerra a 21/1/1867 (neste posto faleceu em combate, a 2 de março de 1868).

– Comissões: Até primeiro-tenente (graduado) esteve embarcado em dez pequenos navios a vela e, como primeiro-tenente (efetivo), em outros dez, maiores. Como primeiro-tenente antigo, embarcou na Fragata *Constituição*, no Vapor *Amazonas* e na Corveta *Dona Isabel*. Ao ser promovido a capitão-tenente (CT), recebeu o comando do Brigue *Maranhão*, seguindo-se o da Corveta *Imperial Marinheiro*, quando recebeu elogio do Imperador “pelo perfeito estado de disciplina e asseio” (constatado pelo próprio Imperador). Com essa corveta naufragou, mas foi absolvido, por unanimidade, pelo Conselho Supremo Militar de Justiça (2/9/1865). Como capitão-de-fragata (CF), após ser ajudante-de-ordens do chefe de Esquadra José Joaquim Inácio (futuro Visconde de Inhaúma), recebeu o comando do Encouraçado *Bala* e seguiu para a Guerra do Paraguai.

– Serviços de guerra no Paraguai: Comandando o Encouraçado *Bala*, chegou a Montevideu a 12/2/1866; a 26 e 27/3/1866 entrou em combate com chatas artilhadas paraguaias; protegeu o deslocamento do exército aliado

para a invasão do Paraguai; bombardeou o Forte Itapiru e o acampamento inimigo de Paso de la Pátria nos dias 16, 17 e 18/4/1866, bem como as fortificações de Curuzu e Carupaiti em 1º, 2 e 29/9/1866. Pela execução do reconhecimento de Curupaiti em 8/1/1867, foi elogiado por Inhaúma. Ao ser promovido a capitão-de-mar-e-guerra (CMG), recebeu o Comando da Terceira Divisão da Esquadra em operação no Paraguai. Como chefe de Divisão, fez parte do reconhecimento de Curupaiti a 2/2/1867, pelo que foi elogiado por Inhaúma; “entrou em fogo” nos dias 3/4 e 1º e 29/5/1867; tomou parte no forçamento de Curupaiti, pelo qual foi agraciado com a Dignatária da Imperial Ordem do Cruzeiro; apoiou o forçamento de Humaitá em 19/2/1868, recebendo elogio de Inhaúma (“Ao Lima Barros e ao Silvado coube o lugar de maior perigo e por isso também o de maior honra. (O Lima Barros [CF Garcindo de Sá] e o Silvado [CT Jerônimo Gonçalves] posicionaram-se em frente à Bateria Londres, a mais poderosa de Humaitá.) Em nome da Nação brasileira, da honra e do brio, dirijo meus louvores aos senhores – chefe da Segunda Divisão [chefe Rodrigues], Comandantes, oficiais e guarnições (...) A esta divisão, e particularmente a este navio [Brasil], se deve em grande parte a nossa vitória, sem a sua coadjuvação mais penosa teria sido à Terceira Divisão a importante operação que praticou”). Em 2/3/1868, resistiu bravamente ao ataque dos paraguaios que pretendiam capturar navios brasileiros, quando encontrou a morte em consequência de 13 ferimentos de espada e punhal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- (1) FRAGOSO, Augusto Tarso (General de Divisão). *História da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*, Rio de Janeiro: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934, (5 vol. - 1.873 pág.)
- (2) THOMPSON, George. *La Guerra del Paraguay*, Assunción, Paraguay: [s.n.], 1869 (1ª edição em Buenos Aires) (260 páginas)

BIBLIOGRAFIA

- (3) A.B.C. *La Guerra de la Triple Alianza*. Assunción, Paraguay: Edition Azeta S/A, s/data. (Coletânea de fascículo de revista. 768 páginas)
- (4) BARRAN, José Pedro. *Historia uruguaya* (Tomo IV – Apogeu y crisis del Uruguay pastoril y caudilhesco). Montevideu, Uruguai: Ed. Banda Oriental la Republica, 1998 (155 páginas)
- (5) BENITEZ, Luiz G. (Professor). *Manual de Historia del Paraguay*, Assunción, Paraguay, s/data (200 páginas)
- (6) CHIAVENATO, Júlio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. Rio de Janeiro: Círculo do Livro, s/data (224 páginas)
- (7) H.P.C. Passagem de Humaitá. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 1909, p. 1.553 a 1.565.
- (8) MARCO, Miguel Angelo de. *La Guerra del Paraguay*. Buenos Aires, Argentina: Grupo Editorial Planeta, 1995 e 2003 (350 páginas)
- (9) SCHNEIDER, Louis. *A Guerra da Triplice Aliança contra o Governo da Republica do Paraguay*. (3º volume, 1º fascículo) Rio de Janeiro. Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1924. (418 páginas)
- (10) VINHAES, Augusto. Passagem de Humaitá. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, 1928, p. 1.157 a 1.165.
- (11) TAVARES, Raul (Capitão-de-Fragata). A Passagem de Humaitá. *Revista Marítima Brasileira*, Rio de Janeiro, Ano XLVI, nº 7 e 8, p. 633-695.
- (12) A PASSAGEM DE HUMAITÁ. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1908, p. 1.293-1.298. (Editorial)
- (13) A PASSAGEM DE HUMAITÁ. *Revista Marítima Brasileira*. Rio de Janeiro, 1921, p. 669-673. (Editorial)

FONTES CITADAS NA BIBLIOGRAFIA BÁSICA CITADA EM (1)

- (14) BORMANN, José Bernardino (coronel brasileiro). *História da Guerra do Paraguai*. Curitiba [s.n.], 1897.
- (15) CAXIAS, Marquês de. *Diário do Exército em Operações* (de 1º/7/1867 a 9/2/1869). [s.n.d.]
- (16) CENTURION, Juan Crisóstomo (Paraguaio). *Memórias del coronel Juan Crisostomo Centurión ou Reminiscências históricas sobre a Guerra do Paraguai*. [s.n.d.]
- (17) CERQUEIRA, Dionísio (General). *Reminiscência da Campanha do Paraguai – 1865-1870*. Rio de Janeiro [s.n.d.]
- (18) GARMÊNTA, José Inácio (Oficial do Exército argentino). *Campañas de Humaytá*. Buenos Aires: [s.n.], 2ª edição. 1901.
- (19) JACEGUAY, Artur de. *De aspirante a almirante*. [s.n.d.]
- (20) JOURDAN, Emilio (brasileiro). *Atlas Histórico da Guerra do Paraguai*, Rio de Janeiro: [s.n.], 1871.
- (21) JOURDAN, Emilio (brasileiro). *Guerra do Paraguai*: [S.L.], 1871. [s.n.]
- (22) MITRE, Bartolomé (argentino). *Guerra del Paraguay* (Arquivos do General Mitre).
- (23) OSÓRIO, Fernando Luis (filho). *História do General Osório*, Vol. I, Rio de Janeiro: [s.n.], 1894.
- (24) OSÓRIO, Fernando Luis (neto); OSÓRIO, Joaquim Luis (neto). *História do General Osório*, Vol. II, Rio de Janeiro: [s.n.], 1895.
- (25) OURO PRETO, Visconde de. *A Marinha d'Outr'ora*. Rio de Janeiro: [s.n.]. 1894.
- (26) PALLEJA, Leon (Coronel uruguaio). *Diario de la Campaña de las Fuerzas Aliadas contra el Paraguay* (22/6/1865 a 17/7/1866). [s.n.d.]
- (27) RESQUIN, Francisco Isidoro (General paraguaio). *Dados históricos de la Guerra del Paraguay com la Triple Alianza*. [s.l.:s.n.], 1896.
- (28) SILVEIRA, Carlos Balthazar da. *A campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: [s.n.] 1900.